

Cristianismo e contemporaneidade: um chamado à conversão pela esperança

Christianity and contemporaneity: a call to conversion through hope

Raquel de Fátima Colet¹

HALÍK, Tomáš. **O entardecer do cristianismo: a coragem de mudar**. Petrópolis: Vozes, 2023. 334 p.

A obra aqui resenhada, de autoria do padre, teólogo e sociólogo tcheco Tomáš Halík, foi publicada no original em 2022 e, na edição brasileira, em 2023. Iniciado em 2015 e concluído na época da pandemia, o livro apresenta um olhar de realismo e esperança sobre o lugar e o papel da fé cristã no mundo contemporâneo. Composta por 16 capítulos, aborda a conjuntura de um cristianismo em crise, no diálogo com as questões prementes da realidade. Nas palavras do autor, parte da pergunta sobre as transformações em curso e de “quais possíveis formas futuras de cristianismo já estão sendo sinalizadas em muitas das crises atuais” (p. 14). Como é característica de seus escritos, a obra de Halík conjuga uma sensata análise de conjuntura com uma reflexão teológica honesta e responsável, singularizada por uma tonalidade espiritual e poética.

O primeiro capítulo, intitulado *Fé em movimento*, amplia os elementos introdutórios, apontando aspectos que caracterizam o cristianismo na contemporaneidade, seja no âmbito *ad intra* ou *ad extra*. Diante das evidências de divisões, Halík aponta a indiferença como o maior perigo atual que envolve a fé cristã no mundo, e salienta a importância de recuperar o universalismo paulino como “missão permanente da Igreja na história”, num movimento de transcendência de si mesma (p. 18). Isso envolve assumir como base cristológica a compreensão dinâmica da fé como caminho de seguimento de Jesus. Isso move, sem subestimar o conteúdo crido, a valorizar a dimensão existencial que vincula o ato de crer à vida concreta das pessoas, às situações cotidianas que acompanham sua humanidade. Em síntese, além da pergunta sobre o que se crê, é preciso a indagação sobre como se crê.

A reflexão é ampliada no capítulo 2 – *Fé como experiência do mistério* – onde o autor discorre sobre as questões da subjetividade humana que envolvem a crença ou descrença. Para ele, estas são dimensões que não podem ser diferenciadas ou tratadas de forma separada (p. 23). O caráter dialógico da fé, que salvaguarda o mistério, não pode ser apreendido, nem se esgota nas narrativas e linguagens da humanidade; o mistério permanece mistério; porém, também se apresenta como experiência de encontro entre Deus e o ser humano. Nesse horizonte, Halík

¹ Doutora, mestra e bacharela em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Assessora provincial da Pastoral Escolar da Rede Vicentina de Educação. Filha da Caridade da Província de Curitiba. Contato: rcoletfc@gmail.com.

situa um dos elementos centrais de sua reflexão na obra, que é a orientação existencial da fé, que é o fator que assegura a coerência bíblico-cristã. Em suas palavras: “se quisermos procurar alguma medida de autenticidade da fé, não a procuremos naquilo que as pessoas professam em palavras, mas no que a fé penetrou e transformou em suas existências e corações” (p. 35).

No terceiro capítulo – *Leitura dos sinais dos tempos* – o teólogo oferece uma abordagem metodológica da relação da fé com a história e a cultura, a qual denomina de *kairologia*. Nesse horizonte, situa a crise como oportunidade de crescimento, como tempo do *kairós*, e salienta a importância da aproximação entre a Teologia e as Ciências Sociais. O conhecimento de Deus se dá no conhecimento das pessoas e do mundo e, por isso, a relevância de que o exercício teológico contemporâneo interaja com a historicidade como dimensão que acompanha a revelação bíblica e que colabora para uma adequada hermenêutica da fé. Dado seu envolvimento social, a *kairologia* se apresenta como parte da teologia pública e recorda a tarefa profética de leitura dos sinais dos tempos que Jesus legou à Igreja (p. 39). Esse compromisso, por sua vez, é assumido no diálogo com a cultura, que se apresenta como *locus theologicus*. Nesse aspecto, acentua a relação entre fé e a criação artística como caminho para a via contemplativa e uma nova abordagem da experiência religiosa.

O capítulo 4 inicia contextualizando o título da obra como uma releitura da analogia utilizada pelo fundador da psicologia analítica, Carl Jung, que compara a dinâmica da vida humana com o curso de um dia. Na abordagem junguiana, o entardecer, que é precedido pelo amanhecer juvenil e pela “crise do meio-dia”, corresponde ao tempo da idade madura e da velhice que, quando integrado, evidencia um tempo de maturidade e integração. O autor relaciona esses momentos a três fases do cristianismo, respectivamente disposto entre a manhã pré-moderna, a secularização como momento da crise da metade do dia, e o entardecer como a contemporaneidade. Segundo Halík, vive-se hoje o “limiar do entardecer do cristianismo; no fim de um longo período de crise, algumas características de uma nova forma de cristianismo, talvez mais profunda e madura, já estão brilhando”. E essa nova fase vem como “uma oportunidade, como *kairós*” (p. 62). No contexto da transição da modernidade para a pós-modernidade, ao contrário do que se previa, o processo de secularização moveu não à extinção da religião, mas à sua transformação no horizonte de uma fé mais madura (p. 70).

Trazendo em pauta a discussão sobre as formas de um cristianismo religioso ou não religioso, o capítulo 5 problematiza a relação entre fé e religião. Essa abordagem infere a superação de um conceito de *religio* eminentemente político e cultural, que o autor situa historicamente no texto, e a emergência da fé cristã como força e vitalidade que atuam sobremaneira na influência moral e intelectual sobre a mentalidade cultural da sociedade (p. 84). Nesse processo, colhe-se a contribuição do ateísmo crítico, do humanismo secular, do diálogo ecumênico e inter-religioso. Sem negar sua contextualidade, nem ficar refém de leituras ideológicas ou esotéricas, a experiência cristã que há de vir está orientada, segundo o teólogo tcheco, para “uma comunidade de uma nova hermenêutica” fundadas na Escritura e na

Cristianismo e contemporaneidade

Tradição, e de modo especial, “na Palavra de Deus *nos sinais dos tempos*” (p. 97, grifo do autor). Nessa perspectiva, a compreensão de *religio* não se limita ao religar, como força integradora da sociedade, mas assume o horizonte do verbo *relegere*, como capacidade de releitura da realidade do humano, da cultura e da sociedade.

No sexto capítulo, Halík aprofunda o que designa como “escuridão do meio-dia” como experiência que acompanha o desenvolvimento de uma fé madura e, a partir do que, problematiza o conceito de crise eclesial contemporânea. Trata-se de uma crise da religião institucionalizada, que afeta particularmente as igrejas tradicionais. Discorrendo sobre aspectos que tem levado a esse cenário de descrédito e distanciamento eclesial, o autor reflete sobre os limites de uma adesão religiosa que se pauta em uma adesão cultural e na prática sacramental, e não em uma convicção pessoal da fé. Ressalta, igualmente, o escândalo dos abusos perpetrados pelo clero, que ferem a credibilidade eclesial e que demandam uma problematização mais a fundo da identidade e papel clerical na Igreja e na sociedade. Para o teólogo, a mudança demanda a adoção de um novo modelo de ministério pastoral e que integre todo o povo de Deus, para o que o caminho sinodal, motivado pelo pontificado do papa Francisco, tem muito a contribuir. Ele também considera que a crise do cristianismo não se refere somente às estruturas, mas diz respeito à própria fé, ao “vínculo entre a linguagem usada para expressar a fé e o modo como ela é vivida” (p. 112). Nesse sentido, emergem o fundamentalismo, o fanatismo e o farisaísmo como expressões de uma pseudoreligião, e que repercutem em situações de divisão entre as pessoas cristãs. Ao serem acolhidas e integradas, as situações dessa crise do meio-dia recordam a experiência pascal de Cristo, no horizonte da morte e ressurreição, e carregam “a oportunidade de tocar de novo o próprio coração do cristianismo e compreendê-lo mais profundamente” (p. 127).

O capítulo 7 apresenta uma reflexão sobre o fenômeno da secularização, para o que inicialmente, o autor estabelece a diferenciação entre secularização, secularismo e era secular. Este último é aplicado em referência à modernidade, período em que se identificam mudanças na forma e papel da religião na sociedade. Discordando de um pretenso “retorno da religião” na era pós-secular, Halík argumenta que, além de nunca terem saído de cena, as expressões religiosas da atualidade se diferem daquelas dos tempos pré-modernos. Para ele, o que se observa hoje é “o surgimento de novas formas transformadas da religião” (p. 131). O fundamentalismo e o tradicionalismo também são fenômenos arraigados na modernidade, que visam a preservação de uma forma de religião do passado e esvaziam o verdadeiro significado de Tradição. Nesse horizonte, o autor retoma o percurso do catolicismo dos tempos pré-modernos aos desdobramentos do Concílio Vaticano II, marcado pelo limiar de um cisma colocado pelas disputas entre conservadores e progressistas. Para o teólogo, ambos possuem um contributo a dar à Igreja e, mais uma vez, salienta a tarefa urgente do “magistério dos teólogos” no amadurecimento lúcido dos impulsos reformistas, particularmente impulsionados pelo pontificado atual.

O oitavo capítulo, intitulado *Os herdeiros da religião moderna*, discorre sobre as transformações recentes do cenário religioso, marcado pela complexidade e pelo transbordamento da religião da esfera privada para o espaço público. Halík infere que “o maior concorrente das igrejas atualmente não é o humanismo secular e o ateísmo, mas uma religiosidade que está para além do controle das igrejas” (p. 148). A apropriação dos símbolos religiosos pela cultura pop; a emergência de radicalismos da parte das religiões; a combinação perigosa entre religião e política; os contrastes subjetivos da experiência religiosa; a crise das formas institucionais das crenças; o crescimento expressivo no número de pessoas que se declaram sem religião, mas que estão em processo de busca espiritual, são alguns aspectos do multifacetado mosaico da religiosidade hoje. Nesse sentido, o autor defende que o futuro do cristianismo depende do modo como este se relacionará com esses buscadores espirituais. A superação de um modelo proselitista e apologético aponta para uma compreensão de catolicidade que dialogue com os valores do humanismo secular.

Nomeado pelo movimento *Da aldeia global à civitas oecumenica*, o nono capítulo inicia apresentando um panorama do processo de globalização, e suas ressonâncias sociológicas e geopolíticas. Discorrendo sobre a influência decisiva dos meios de comunicação nesse processo, o autor considera que, ao invés da pretensa criação de uma aldeia global, o desenvolvimento tecnológico e comunicacional tende a criar “bolhas”, uma pseudoproximidade, uma conexão que não unifica mas que explicita e aprofunda as disparidades socioculturais. Nesse cenário, o cristianismo só pode desempenhar um papel integrador, em vista de uma sociedade global, se assumir uma dimensão kenótica e de abertura ecumênica. O empenho em transformar o mundo em uma *oikoumene*, “um espaço habitável, um lar” considera “o reconhecimento mútuo e a complementariedade, a ampliação das perspectivas e a superação da unilateralidade” (p. 179). O pontificado do papa Francisco tem apresentado movimentos efetivos nessa perspectiva. A *civitas oecumenica* é a alternativa ao encontro e à fraternidade que se apresenta na encruzilhada colocada pela crise da globalização.

O capítulo 10 investiga o surgimento de possível *terceiro iluminismo* no último quarto de século, e seus impactos civilizacionais, particularmente em relação à religião. Halík pondera que as mudanças de época são oportunidades *metanóicas*, ou seja, de transformação, de renovação a partir de dentro, e que pressupõem a “arte do discernimento interior”. Se o primeiro Iluminismo do século XVII e XVIII representou a emancipação da razão, e o segundo, contemporâneo à década de 1960, correspondeu à emancipação da emocionalidade, a terceira versão apresenta “a libertação da natureza do domínio da manipulação humana tecnológica e econômica, o respeito pelas minorias e por todos aqueles que estão sob ameaça” (p. 189). Tais realidades atraem, sobretudo, as gerações mais jovens, em grande parte cosmopolitas e acolhedoras do pluralismo cultural e religioso, e ambientadas em uma sociedade digital, pós-industrial e pós-materialista. Nesse ponto, contudo, reside a fragilidade dessa geração que, face

Cristianismo e contemporaneidade

a avalanche de informação e as pseudo-aproximações do mundo virtual, encara o próprio futuro e o do mundo sem muitas perspectivas de esperança.

O décimo primeiro capítulo parte de uma indagação pela *identidade do cristianismo*, o que problematiza os limites das definições excessivamente metafísicas ou subjetivas, que obscurecem a fé como entrelaçamento entre a graça divina e a liberdade humana. Nessa experiência, a relação de Jesus com o pai se apresenta como o coração do cristianismo (p. 196). A ortodoxia da fé, que professa a verdadeira e radical humanidade do filho de Deus, é reafirmada pela ortopraxia dos cristãos, o que constitui um dos pilares da identidade cristã. Nesse percurso está a contemplação pascal e solidária do sofrimento de Jesus nas feridas do mundo; a atitude kenótica que não restringe o ser cristão às fronteiras da confessionalidade; o testemunho da autêntica universalidade de Cristo, no diálogo com o humanismo secular e no caminho da consumação escatológica; uma vida de fé metanóica, que corresponde “à transformação existencial total do ser humano” (p. 207).

O capítulo 12, intitulado *Deus próximo e distante*, reflete sobre a dinâmica histórica dos processos de transmissão da fé nas trajetórias pessoais e coletivas. Nos tempos atuais, o autor reflete sobre como a maturidade do ser cristão, que envolve a fé, o amor e a liberdade humana, considera a superação de uma adesão religiosa meramente cultural. De igual modo, vincula-se aos tempos e experiências do desenvolvimento humano, de como estes incidem na confiança e a desconfiança básica, e da noção de Deus que estabelecem na interação com a cultura. O ato de crer não é uma ideia ou um conceito sobre a existência de Deus, mas uma experiência existencial, e isso interpela sobremaneira a educação religiosa. Halík afirma que “uma fé recebida, a menos que seja internalizada, a menos que tenha se enraizado no mundo emocional e intelectual interior da pessoa, dificilmente resistirá às crises que provavelmente encontrará em um mundo secularizado” (p. 216). Nesse percurso também se destacam o espaço salutar para a dúvida; a participação nas estações da comunidade de fé, com seus invernos e primaveras; o crescimento na liberdade; o reconhecimento de que nenhuma experiência pessoal e coletiva esgotam o mistério que se crê; a contribuição indispensável da razão como participação na acolhida e amadurecimento do dom da fé; a superação de formalismos e rigorismos.

No décimo terceiro capítulo – *Espiritualidade como paixão da fé* – o teólogo tcheco assinala que “o principal desafio para o cristianismo eclesial hoje em dia é como passar da religião para a espiritualidade” (p. 232). Nela está o vigor, a paixão, a vitalidade e o ardor da fé. Se, por um lado, há o desinteresse para as formas institucionais da religião, por outro há o crescimento da sensibilidade e da busca espiritual. A percepção dessa mudança é vital para o futuro das igrejas. Refletindo sobre as questões de fundo desse cenário, o autor salienta que a atual compreensão de espiritualidade não está subjugada a preceitos doutrinários ou instâncias de autoridade eclesial. Por outro lado, a pluralidade dessas vias espirituais contemporâneas carrega consigo o risco da banalização e da mercantilização dessas experiências. Reafirmando

uma inferência já anteriormente indicada na obra, Halík indica que o acompanhamento desses buscadores espirituais é um ministério a ser assumido pelo cristianismo hoje.

Tendo como título *A fé dos não crentes e uma janela de esperança*, o capítulo 14 apresenta um reflexão mais pessoal e subjetiva do autor acerca dos limites de uma hermenêutica teológica que se concentra em verdades objetivas. Nesse sentido, a dúvida não se coloca como inimiga ou empecilho para a fé, mas como via que move a ela. Fé e dúvida são “como duas irmãs que precisam uma da outra, que devem apoiar-se mutuamente para não caírem da ponte estreita no abismo do fundamentalismo e da intolerância [...] ou no abismo do ceticismo amargo, do cinismo ou do desespero” (p. 255). Nessa percepção está uma possibilidade para um diálogo frutífero com os ateísmos contemporâneos, inclusive com o discernimento de suas facetas contemporâneas visto que, muitas vezes, o que está em descrédito não é a existência ou não de Deus, mas a inconsistência das narrativas ou teologias. Nesse sentido, Halík dialoga com filósofos ateus, especialmente o francês André Comte-Sponville, a quem atribui um pensamento mais plausível sobre a questão. Na interlocução, entre concordâncias e discordâncias dos pressupostos filosóficos, infere a contribuição do ateísmo crítico para manter uma saudável janela frente ao pensamento religioso dogmático. Nesse percurso, o autor enfatiza a importância da oração de natureza contemplativa e o lugar da esperança.

No penúltimo capítulo, nomeado como *A comunidade do caminho*, em alusão ao modo como os cristãos eram conhecidos nos primórdios, Halík se ocupa da reflexão sobre a compreensão e autocompreensão eclesial. Observa que, não obstante a mudança de *status* da Igreja acerca de sua influência sociocultural e aspectos institucionais, permanece constante e relevante a experiência eclesial enquanto comunidade de crentes, de memória, de missão. O autor discorre sobre quatro conceitos eclesiológicos a serem assumidos pela comunidade cristã. Em primeiro momento, retoma a eclesiologia conciliar do povo de Deus, cujas raízes se firmam no Israel bíblico. Esse elemento explicita a interconexão sem confusão entre judaísmo e cristianismo. Essa noção de itinerário indicam a evolução histórica da teologia e das formas institucionais da Igreja. Para o autor, perder esse caráter aberto e peregrino leva à ideologia e à falsa consciência. A segunda visão é da Igreja como escola de sabedoria, como espaço de educação da fé ponderada e madura, que “protege contra as doenças contagiosas da intolerância, do fundamentalismo e do fanatismo” (p. 288). O terceiro modelo volta-se para a Igreja como hospital de campanha, noção enfatizada pelo papa Francisco; uma visão que olha para o sofrimento das pessoas, mas também acolhe os males da sociedade e da cultura, sentindo-se corresponsável por eles. Por fim, o quarto modelo é inspirado, igualmente, em Francisco e aponta para a convergência entre uma noção escolar e hospitalar, que não esteja centralizado em uma noção paroquial territorial, mas envolva centros de espiritualidade e de acompanhamento espiritual, como espaços potentes para uma busca de Deus “de modo novo e mais profundo” (p. 296).

Cristianismo e contemporaneidade

Concluindo a obra, o último capítulo intitula-se *Uma comunidade de escuta e compreensão*. Ele converge para a tese do autor de que os tempos atuais são o momento para a “autotranscendência do cristianismo”. Nele, o compromisso com um ministério de acompanhamento espiritual, que se coloque a serviço da vida concreta e cotidiana das pessoas, se apresenta como a mais necessária tarefa eclesial. A superação de moralismos dogmáticos, a criação de espaços seguros, o respeito e empatia pelas trajetórias pessoais, o diálogo entre as esferas religiosa e secular, o cultivo de uma atitude contemplativa diante da vida e do mundo, são horizontes possíveis do cristianismo no seu entardecer, como “lugar e hora para uma fé madura, mas humilde” (p. 314). Concluindo, Halík retoma a concepção bíblica do entardecer não como o fim, mas como o começo de um novo dia.

Mais uma vez, Tomáš Halík nos brinda com uma reflexão lúcida, que revisita os fundamentos da fé cristã e os recoloca em diálogo propositivo com a realidade. Ao mesmo tempo em que aprofunda e prospecta o papel dos itinerários e itinerantes espirituais na contemporaneidade, oferece uma leitura abrangente dos aspectos mais críticos do cenário religioso. A obra é uma oportuna referência para leitura pessoal e compartilhada da comunidade cristã, especialmente de quem atua em espaços de liderança e de formação. De igual modo, as abordagens favorecem uma fecunda aproximação de interlocutores e experiências do espaço público e secular, em vista de relações que reconciliem as diferenças, promovam a cooperação e, fazendo eco dos compromissos do Pacto Educativo Global, coloquem as melhores energias e os valores do humano em suas amplas interrelações, a serviço de uma aliança comum. ✨

REFERÊNCIAS

HALÍK, Tomáš. **O entardecer do cristianismo: a coragem de mudar**. Petrópolis: Vozes, 2023.

Recebido em: 28/07/2024.

Aceito em: 17/11/2024.